

HERÓIS ESCOTEIROS



**A saga dos escoteiros poloneses
durante a ocupação nazista e comunista.**

STANISLAW BRONIEWSKI - "ORSZA"



Este livro é uma pedra preciosa.

É uma leitura absolutamente fascinante para qualquer Escoteiro, especialmente para os Escoteiros interessados em história.

Ele conta a história do Escotismo e Guidismo na Polônia sob a ocupação nazista, sua contribuição para a luta psicológica (e mais tarde militar) contra o invasor, simultaneamente com a edificação do caráter de meninos e meninas e com a preservação e fortalecimento da nacionalidade polonesa, por meio da resistência e pelo uso pleno do Método Escoteiro.

É uma narrativa de dedicação, coragem e heroísmo incríveis e até mesmo de humor, nas circunstâncias mais penosas, durante as quais, até mesmo garantir o suprimento diário era uma questão de sobrevivência. Originalmente escrito em polonês, trata-se de uma mensagem dirigida primeiramente aos jovens Escoteiros e Guias Poloneses de hoje, mas que, de fato, destina-se a todos os Escoteiros e Escoteiras de nossa fraternidade mundial. Nas palavras de um de seus amigos mais íntimos e ex-companheiro: "O autor viveu 66 de seus 79 anos como Escoteiro Polonês. Esse longo período de formação e experiência escoteira, inculcaram nele o princípio de servir a Deus, à Polônia e ao próximo. Esse

serviço lhe deu alegria em seus dias de juventude. Mais tarde, seu esforço de 6 anos contra os invasores durante a Segunda Guerra Mundial, seguidos por 44 anos de resistência passiva à ocupação totalitária soviética, a despeito de eventos difíceis e frequentemente dramáticos, deram-lhe um sentimento de servir o quanto pudesse a seus ideais escoteiros. Hoje, ele pode contemplar os anos que passaram com um sorriso sereno, devido principalmente à memória do povo esplêndido, cheio de entusiasmo, devoção e abnegação que ele teve a oportunidade de conhecer. Ele continua seu serviço escoteiro atualmente e espera fazê-lo até o fim de seus dias."

Ator em uma era (e testemunha dela), a mensagem e vida de "Orsza" são a corporificação do espírito escoteiro que jamais morrerá, mas que floresce melhor nas condições difíceis e diante da adversidade.

Que todos nós e especialmente os que estão reconstruindo o Escotismo e Guidismo na Polônia hoje guardemos essa chama viva para sempre, em nossos próprios caminhos e circunstâncias.

Jacques Moreillon
Secretário Geral
WOSM

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL
DO MOVIMENTO ESCOTEIRO
UNIÃO DOS ESCOTEIROS DO BRASIL
REGIÃO DE SÃO PAULO

HERÓIS ESCOTEIROS

POR **STANISLAW BRONIEWSKI - "ORSZA"**

Título em inglês: *"There is a country"*

Escritório Escoteiro Mundial (World Scout Bureau)

Genebra Março de 1995

Traduzido do inglês por Fernando B. Monte Serrat

Revisado por Katuoki Ishizuka

União dos Escoteiros do Brasil
Região de São Paulo — abril de 2002



**Sociedade Paulista
para Desenvolvimento
do Escotismo**

Prefácio da edição em inglês

***Pelo Secretário Geral da
Organização Mundial do Movimento Escoteiro***

Este livro é uma pedra preciosa.

É uma leitura absolutamente fascinante para qualquer Escoteiro, especialmente para os Escoteiros interessados em história.

Ele conta a história do Escotismo e Guidismo na Polônia sob a ocupação nazista, sua contribuição para a luta psicológica (e mais tarde militar) contra o invasor, simultaneamente com a edificação do caráter de meninos e meninas e com a preservação e fortalecimento da nacionalidade polonesa, por meio da resistência e pelo uso pleno do Método Escoteiro.

É uma narrativa de dedicação, coragem e heroísmo incríveis e até mesmo de humor, nas circunstâncias mais penosas, durante as quais, até mesmo garantir o suprimento diário era uma questão de sobrevivência. Originalmente escrito em polonês, trata-se de uma mensagem dirigida primeiramente aos jovens Escoteiros e Guias Poloneses de hoje, mas que, de fato, destina-se a todos os Escoteiros e Escoteiras de nossa fraternidade mundial. Nas palavras de um de seus amigos mais íntimos e ex-companheiro: "O autor viveu 66 de seus 79 anos como Escoteiro Polonês. Esse longo período de formação e experiência escoteira, inculcaram nele o prin-





HERÓIS ESCOTEIROS

cípio de servir a Deus, à Polônia e ao próximo. Esse serviço lhe deu alegria em seus dias de juventude. Mais tarde, seu esforço de 6 anos contra os invasores durante a Segunda Guerra Mundial, seguidos por 44 anos de resistência passiva à ocupação totalitária soviética, a despeito de eventos difíceis e freqüentemente dramáticos, deram-lhe um sentimento de servir o quanto pudesse a seus ideais escoteiros. Hoje, ele pode contemplar os anos que passaram com um sorriso sereno, devido principalmente à memória do povo esplêndido, cheio de entusiasmo, devoção e abnegação que ele teve a oportunidade de conhecer. Ele continua seu serviço escoteiro atualmente e espera fazê-lo até o fim de seus dias."

Ator em uma era (e testemunha dela), a mensagem e vida de "Orsza" são a corporificação do espírito escoteiro que jamais morrerá, mas que floresce melhor nas condições difíceis e diante da adversidade.

Que todos nós – e especialmente os que estão reconstruindo o Escotismo e Guidismo na Polônia hoje – guardemos essa chama viva para sempre, em nossos próprios caminhos e circunstâncias.

Jacques Moreillon
Secretário Geral
WOSM

Prefácio da edição em português

Prefácio da Edição em Língua Portuguesa

Ao ler estas páginas, que tão bem reportam a atividade dos membros do Movimento Escoteiro na Polônia durante a 2ª Guerra Mundial, e tendo vivido na Polônia durante aquele período, confesso ficar extremamente comovido ao ver — magnificamente retratado — o brilhante esforço desenvolvido pelos escoteiros e escoteiras poloneses, para viver o Escotismo na sua elevada dimensão de serviço ao próximo, conforme a Lei e a Promessa Escoteira, comprovando assim o valor desse Movimento para a sociedade na formação do caráter e do espírito de cidadania dos jovens.

A atuação dos escoteiros e escoteiras poloneses sob as mais árduas condições encontradas numa guerra, foi uma prova — com inegável sucesso — da qualidade e eficiência do Método Escoteiro de educação da juventude.

Vivendo na clandestinidade sob o regime nazista, e em seguida sob o regime comunista, tendo de se separar do uniforme e insígnias, retinham porém o Distintivo de Promessa, que escondiam sob o carvão no porão de suas casas, demonstrando assim o grande ideal Escoteiro de que eram possuídos, e que os manteve na luta pela ajuda ao próximo e pelo seu país.

Devidamente preparados pela formação escoteira





HERÓIS ESCOTEIROS

recebida, alicerçada pela Promessa Escoteira, e pela religião que constitui o embasamento do Escotismo, e cuja prática foi tradicionalmente intensa na Polônia, os jovens, liderados pelos seus Chefes, nos deixaram um exemplo de coragem, dedicação e prática do ideal escoteiro, magnificamente exposto neste livro, para o qual me sinto imensamente honrado em escrever estas linhas.

Zdzisław Wołoszyn - IM



Heróis Escoteiros

Introdução

A Polônia está no coração da Europa. Se olharmos o mapa do nosso continente, veremos que a distância do centro da Polônia a Londres é aproximadamente a mesma do centro da Polônia a Moscou. Igualmente, a distância da capital da Polônia, Varsóvia, ao extremo norte da Noruega é a mesma até Cabo Matapan, no extremo sul da Grécia.

A paisagem do país entre o litoral do Mar Báltico e a faixa dos Cárpatos varia muito, dos Altos Tatras¹ no sul às planícies centrais, às terras dos lagos no norte.

Como um Estado já bem estabelecido, a Polônia entrou na história documental da Europa aproximadamente em meados do século X d.C., que a torna um pouco mais velha que o Reino da Inglaterra.

Nós, escoteiros poloneses, amamos servir nosso país assim como vocês amam servir ao seu e isso é natural, uma vez que estamos todos unidos pelas mesmas regras da lei escoteira. Esse vínculo comum pode ser intensificado pelo conhecimento mútuo da história e circunstâncias do outro. Se, portanto, você quiser conhecer mais a nosso respeito, continue lendo, por favor.

¹ N.T.: *Cordilheira dos Tatras*; maciço na região dos Cárpatos, onde se ergue o ponto culminante da Polónia, o pico Rysy.





A Chegada do Escotismo

Em 1910, propagou-se para a Polônia a notícia a respeito do general inglês Robert Baden-Powell e seu “Escotismo para Rapazes”. Ele era descrito como uma aventura maravilhosa: excursões, acampamentos, jornadas, cozinhar e construir pontes, tendo como meta ensinar os rapazes a serem capazes e práticos e a compartilhar solidariedade com outros escoteiros por todo o mundo. A idéia era treinar meninos para que crescessem e se tornassem homens que fossem capazes de defender seu país, se necessário.

Nessa ocasião havia uma inquietação no país que se fazia sentir por quase um século. O país não existia independentemente, tendo sido separado à força por monarquias da Alemanha, Áustria e Rússia. As mães liam em secreto a história da Polônia para seus filhos (o que era proibido); histórias de grandes feitos. Meninos que conheciam sua história sonhariam em trazer de volta a liberdade a seu país, por meio do dever, da honra e da diligência. Com o Escotismo, esses meninos não se sentiriam sós: eles estariam em um grupo, trabalhando juntos e competindo por reconhecimento na forma da insígnia do Escotismo Polonês em sua lapela e de círculos bordados em suas mangas. Esses símbolos eram concedidos por coisas como leitura de mapas e primeiros socorros.

Alegria Criativa

Ao ser deflagrada a Primeira Guerra Mundial,

muitos escoteiros mais velhos começaram a alistar-se no exército voluntário polonês, pondo em prática o que haviam sonhado. Depois de quatro anos de sofrimentos, aconteceu o milagre: a Polônia recobrou a liberdade. O Escotismo polonês tinha sido uma organização clandestina até então, mas depois da guerra as tropas de escoteiros e de guias puderam florescer. Muitos acampamentos de verão foram organizados regularmente em diversas partes do país. A população acostumou-se a ver escoteiros em acampamentos de verão e nas florestas, ajudando em tempo de colheita e cuidando dos enfermos, dos anciãos e dos pequeninos. No inverno, as reuniões aconteciam ao estilo de cabanas escoteiras rústicas com jogos que exercitavam a observação e a destreza.

Havia também tropas escoteiras com responsabilidades especiais, tais como "escoteiros do mar" que desenvolviam habilidades de marinharia nos lagos e rios e no Mar Báltico. O navio escoteiro "Zawiza Czarny" levou a bordo tripulações sucessivas, permitindo-lhes um vislumbre do imenso mundo. Em uma ocasião, o navio levou escoteiros ao Jamboree de Vogelensang na Holanda, atracando em Amsterdã. Nesse Jamboree, na presença da Rainha Wilhelmina, as tropas escoteiras polonesas foram o centro das atenções. Um dos escoteiros, um paraquedista, soltou seu paraquedas enquanto descia em direção ao estádio. A multidão e a própria Rainha prenderam o fôlego, enquanto ele caía como uma pedra, até abrir um segundo paraquedas a curta distância do solo. Devido ao pavor que produzi-





ram na realeza, os escoteiros poloneses foram proibidos de saltar pelo resto daquele Jamboree.

Quando os campos ficavam verdes na primavera e livres da neve, eles tornavam-se locais para os pilotos de planadores treinarem, em um exercício de coragem, agilidade física e decisão. Havia também um período de descanso e meditação para esses pilotos, quando eles eram desengatados do avião, solitários no silêncio. Não é de se admirar que rapazes, como Ziutek Mierzejewski e Gucio Radwanski, das Tropas 3 e 16 de Varsóvia tenham defendido Londres tão corajosamente em 1940.

O Jamboree em Vogelensang não foi o único a que foram os escoteiros poloneses entre 1918 e 1939. Já em 1913, foram 42 escoteiros e 11 chefes ao Jamboree Inglês em Brimingham. Eles apareceram com a bandeira da Polônia, a despeito do país estar repartido. Os poloneses não puderam ir ao Jamboree de 1920, porque a Polônia estava então defendendo-se contra a ameaça bolchevique. A Polônia participou de todos os demais Jamborees até a Segunda Guerra Mundial, com o maior contingente (1.100) em Godolo, em 1933. A amizade formada e a irmandade do mundo escoteiro preparou-se para os tempos difíceis que viriam. Isso foi simbolizado pelas trocas de distintivos, lenços e até mesmo de uniformes. A insígnia polonesa, contudo, não podia ser trocada. Esse “objeto sagrado” não podia ser negociado.

Os poloneses também tomaram parte dos seguintes Jamborees: Dinamarca (1927), Escoteiros

Eslavos em Praga (1931), o Jamboree Internacional para Escoteiros mais velhos na Suíça e Suécia (1933), assim como os Jamborees em Latvia (1928), Romênia (1932 e 1937), Estônia (1932), Iugoslávia (1932 e 1935), Noruega (1932) e EUA (1937).

Os próprios poloneses também realizaram diversos Jamborees e receberam contingentes escoteiros em Varsóvia em 1924, Poznan em 1929, Spala em 1935 e para o Jamboree Internacional de Escoteiros do Mar em Garczyn em 1932. Diversos chefes escoteiros poloneses de destaque deram palestras nessas conferências; o escotismo polonês estava tornando-se um elo vital no movimento escoteiro como um todo e tornava-se mais e mais aberto ao mundo todo.

No coração desse movimento jovial e cada vez mais viável estavam dois centros de treinamento exemplares. Eles estavam em Gorki Wielkie e (para as guias) nas colinas de Bucze. Desses centros expandiu-se o sistema envolto de canções e de alegria para a educação da juventude polonesa. Prova de reconhecimento do nosso movimento, foi a visita a Polônia, em 16 de agosto de 1933 do Escoteiro Chefe Mundial, Sir Robert Baden-Powell e sua esposa, encabeçando 650 escoteiros e guias ingleses.

Nuvens no Horizonte

Próximo ao fim daquele período alegre e criativo, começaram a surgir nuvens sobre nossa terra. Hitler saiu para conquistar o mundo. Ele anexou a





Áustria sem muita luta, em março de 1939. A invasão da Checoslováquia foi completada em 1939. Ele, então, começou a ameaçar a Polônia; toda a nação começou a preparar-se para uma batalha de vida ou morte. Nós valorizávamos muito nossa liberdade recém conquistada e os Escoteiros Poloneses também começaram a preparar-se com entusiasmo.

Os acampamentos de verão eram realizados próximos à fronteira com a Alemanha, de maneira que os escoteiros pudessem inspirar a população local, que suportaria o ímpeto do ataque violento alemão. Eles foram treinados em diversas habilidades e no uso de máscaras de gás, por exemplo. Com o passar de 1939, as Guias também organizaram sua própria “emergência”, que incluía redes de alarme, tarefas delegadas, reuniam equipamento essencial e treinavam as meninas para tarefas difíceis. O ânimo dos jovens era de grande entusiasmo, embora nenhum deles entendesse plenamente a ameaça que se aproximava.

Provação Além das Forças

Na manhã de 1º de setembro de 1939, sem declarar guerra, a Alemanha invadiu a Polônia. Um bombardeio aéreo cobriu toda a fronteira. As forças Panzer opositoras desempenharam um papel decisivo aqui e, a despeito da desigualdade esmagadora, os soldados poloneses defenderam-se brava e encarniçadamente, infligindo sérias perdas ao exército que avançava. Começou uma execução em massa. Todas as forças esta-

vam reunidas no leste do país esperando a intervenção de nossos aliados, a Inglaterra e a França.

Nosso tempo esgotou-se em 17 de setembro, duas semanas depois que nosso aliados declararam guerra à Alemanha, no dia 3. Infelizmente, no dia 17 fomos "apunhalados pelas costas" quando o exército soviético invadiu nossa fronteira Oriental, também sem declaração de guerra. Algumas unidades polonesas resistiram. Outras estavam desorientadas, uma vez que o exército que chegava afirmava ter vindo socorrer-nos. Algumas semanas depois, todo o país foi tomado: o oeste pelos alemães e o leste pelos russos. Ocorreu nova divisão da Polônia, combinada em um acordo secreto em 23 de agosto. A última batalha foi travada em 6 de outubro de 1939.

Nesse período curto mas exaustivo, o escotismo polonês estava passando por provas. A violência da campanha resultou na interrupção das comunicações entre diversos centros. Os centros de operações das áreas de "emergência" das Guias e dos Escoteiros estavam incapacitados de dirigir os trabalhos em escala nacional. A interrupção das comunicações mostrou que os centros escoteiros, deixados com seus próprios dispositivos, foram capazes de realizar as tarefas de preparativos de "emergência". Tarefas de defesa aérea, apagar incêndios, ajudar em hospitais, tarefas nas estradas de ferro e cuidar de crianças perdidas; tudo isso funcionou segundo o plano. As áreas remotas revelaram algo mais: a despeito das condições difíceis, os escoteiros foram capazes de realizar suas tarefas, ainda que não hou-





vesse ordens. De fato, todo o sistema escoteiro passou no teste. Os escoteiros realizaram muitas tarefas no campo das comunicações. Eles ajudaram na evacuação de instituições, combateram e muitos morreram. O símbolo desse esforço foi a batalha heróica pela cidade de Katowice. Os escoteiros foram empurrados até sua torre de paraquedismo. Eles lutaram até o último homem.

Ninguém poderia ter predito...

... que a luta cessaria, que uma nova alvorada chegaria. Metade do país fora ocupada pelos alemães e a outra metade pelos bolcheviques. Inicialmente, ninguém percebeu quão anormal era a vida, nem quão profunda a mudança. A verdade foi sendo revelada pouco a pouco aos meninos e meninas. Muitos amigos queridos haviam morrido, a maioria jovens soldados. Muitos civis também haviam perdido sua vida nos bombardeios aéreos. Grande número de homens estavam em campos de concentração. O restante das famílias foram dizimadas, com os filhos quase sempre ocupando o lugar de seus pais perdidos.

Muitas famílias também perderam suas próprias casas – queimadas ou esmagadas. Outras moradias exigiam reparos imediatos, como tapar as paredes, remover entulho, assentar painéis de janelas e, mais freqüentemente, limpeza. Tijolos faltando e portas danificadas eram mais difíceis de serem substituídos. Muitas residências ficaram superlotadas por cau-

sa do grande fluxo de refugiados e de vizinhos cujas casas foram destruídas. Muitos perderam seus empregos porque toda a administração nacional deixou de funcionar e muitas fábricas foram destruídas. Não era intenção das potências invasoras restaurar imediatamente a economia; antes, agir ao contrário. Carestia e destruição eram lugar comum. Todos estavam ocupados em satisfazer as necessidades mais básicas; adquirindo comida e água fresca, mantendo abrigos adequados contra o inverno rigoroso de 1939 e adquirindo roupas e roupa de cama suficientes. Os jovens estavam imersos nessa busca. A educação em geral havia parado e somente era permitido treinamento profissional.

Os jovens, quase sempre cansados e famintos dificilmente encontravam algo que levantasse seu espírito. Sinais de rua em polonês haviam desaparecido, assim como emblemas, uniformes, placas e estátuas. Foram substituídos por versões hostis e por coisas que há muito se tornaram de longínqua memória. Tudo isso começou a ser encoberto por um terror que ninguém havia visto nem era capaz de imaginar. O terror era levemente diferente sob a perspectiva de regimes totalitários. O alemão era "cientificamente" organizado com uma demonstração de brutalidade, ao passo que o regime soviético era enganoso, traiçoeiro, e tentava parecer menos brutal. Isso causou desunião entre os que viviam em áreas diferentes. Os dois regimes levavam ao mesmo fim: a tentativa de eliminação da nação conquistada. Havia mais similaridades do que diferenças entre os dois





sistemas. Os alemães dividiram as comunidades em pequenos grupos, tendo como exemplo horrendo disso o extermínio da população judia. Os soviéticos alcançaram nível similar de brutalidade atirando na nuca de milhares de oficiais e de civis. O terror crescia diariamente: prisões individuais, cerco de bairros inteiros e prisão "no atacado" de supostos fugitivos. A maioria deles não voltou. A grande praga da ocupação soviética era a deportação para a Sibéria. Essa ameaça pairava sobre todos. Cada toque da campanha das casas ou cada saída podia significar encontrar-se cara a cara com a aparição repugnante da morte. Sob essa ameaça e entre uma torrente de mentiras e de propaganda hostil e destrutiva, vivia a juventude silenciosa do país.

Envolto em branca lã, sob um monte de carvão

Quando o primeiro choque entorpecedor causado pela terrível mudança em suas vidas havia passado, as guias e os escoteiros voltaram-se para as lembranças não tão distantes que pareciam ser como um sonho. Escotismo; o sonho de uma grande irmandade, cheia de sinceridade, esforçando-se em direção aos mesmos objetivos, compartilhando dificuldades e também alegrias. O uniforme agora tinha que ser escondido por outras roupas, com os distintivos retirados: toda uma família podia ser presa por possuir essas coisas. O invasor havia decidido destruir a nação, começando com os mais corajosos e

mais capazes. Somente um distintivo não podia ser retirado: o da promessa escoteira. Esse era sumamente valorizado. Era beijado, embrulhado em alva lã e escondido sob o carvão no porão. Ali parecia estar a salvo, mas seu significado permanecia guardado no coração de seu possuidor.

Com visitas a amigos, sob o pretexto de conversas furtivas, surgiram Patrulhas e Tropas. Nem todos mantinham coragem suficiente ... mas o escotismo expandia-se cuidadosamente. Em pequenos grupos, estava revivendo. Em reuniões de grupos debatia-se que ações tomar. A resposta, é claro, era que deveria ser feito todo o possível para que o país recuperasse sua liberdade e para que o sofrimento do povo fosse reduzido. O invasor ordenou que todos os receptores de rádio fossem entregues e estabeleceu penas severas para quem ouvisse transmissões de rádio do exterior. Nós continuávamos a ouvir, precisando saber o que estava acontecendo no mundo exterior. Havíamos lido memórias do cativo de uma geração anterior e do segredo deles: imprensa clandestina. Planejamos o mesmo; ouvir o rádio no sótão, escrever o que ouvíamos e distribuir informativos aos que não tinham rádio.

Inspirados pelo livro de Baden-Powell, "Aventuras de um Espião", nós finalmente percebemos que podíamos reunir informações úteis na luta: os registros das forças, fraquezas e números do inimigo. Passávamos essas informações ao nosso exército de resistência. Além disso, uma vez que o invasor havia proibido a educação, nós estudávamos em grupos, em-





bora muitos de nós antes reclamássemos da escola. Ajudávamos aos nossos pais, às mães em particular, a aos vizinhos. Enfatizávamos a necessidade de sobrevivência, de que as coisas melhorariam. Por meio de todas as dificuldades, lembrávamos sorrindo do pequeno objeto envolvido em algodão branco e escondido no carvão do porão.

“Os cinzentos”

Enquanto reuniam-se e discutiam o que fazer, como agir, e como encontrar o exército que deveria estar em algum lugar, as guias e os escoteiros não sabiam que dois grandes acontecimentos haviam ocorrido em segredo, na capital. O exército de resistência havia sido formado assim como o movimento escoteiro clandestino. É digno de nota o fato de os escoteiros poloneses terem se apresentado para servir no primeiro dia junto com o exército, com o fogo de artilharia ainda no ar. Já era evidente que tempos difíceis haviam de vir. A data era 27 de setembro de 1939. O cerco da capital ainda estava em andamento, mas era óbvio que o fim estava próximo. Havia falta de munição, de comida, de água e de medicamentos, os hospitais estavam superlotados; uma linda cidade estava morrendo. Naquele dia de setembro, enquanto o exército clandestino de resistência se formava, os chefes mais proeminentes do escotismo polonês estavam reunidos em um local secreto. Com grande senso de responsabilidade pelos jovens em seus cuidados e pelo futuro do país, eles fizeram

planos. Esses planos precisavam ser feitos de acordo com tudo que havia sido transmitido aos jovens e segundo o espírito com o qual eles haviam sido educados. Os escoteiros foram ensinados a ter um amor saudável por seu país e a servir aos outros. Assim, com o advento da incerteza, eles não podiam retroceder nem contradizer-se. Acima de tudo, eles entendiam que a guerra e a ocupação certamente durariam bastante tempo. Os jovens cresceriam nesse período. Os jovens seriam educados na tradição escoteira: não somente por palavras mas também por atos. Esses atos eram dirigidos contra uma presença muito real e maligna.

A tarefa era muito árdua. Aqueles sábios chefes escoteiros (todos mortos agora) perceberam quão perigosos eram os caminhos que os jovens haviam escolhido. Com a devida preocupação, os chefes confiaram a causa aos escoteiros mais velhos, os que eram mais adequados para guardar silêncio quando fosse necessário e os que pudessem suportar melhor uma possível prisão ou interrogatório. Eles também decidiram que a liderança anterior tinha que ser mudada porque seus rostos e nomes eram muito conhecidos. Uma nova estrutura tinha que ser levantada para assumir o bastão de liderança.

Dessa maneira, o Escotismo Clandestino Polonês veio à existência sob o pseudônimo de "Os Cinzentos". Essa organização clandestina também era formada pela Organização das Guias Escoteiras, dirigidas por um centro de operações secreto.





A liderança da Organização Escoteira foi confiada a um jovem de caráter e de visão: Florian Marciniak. Ele dirigiu a organização por três anos e meio, antes de ser preso, interrogado e torturado, sem resultado algum. Ele foi assassinado com uma injeção de fenol no campo de concentração de Gross-Rosen.

Uma insígnia de mérito nova e essencial

O risco de morte depois de ser capturado pelo invasor necessitava de um comportamento estritamente determinado. Depois da “empolgação” inicial, todos os aspectos da vida clandestina começaram a ser permeados pelo desânimo da vida diária. Frequentemente vinha a tentação de fugir dos regulamentos rígidos e agir como nos dias normais. Tal tentação normalmente ocorria quando se estava cansado ou quando se sentia um falso sentimento de segurança. Os infortúnios vinham repentinamente e a vigilância era sempre necessária.

Um princípio básico era de que somente pequenos grupos de pessoas se conhecessem entre si; normalmente em torno de seis. Em um contexto escoteiro, significava um grupo de cinco mais um monitor de patrulha. Em nível de tropa, havia cinco monitores de patrulha e um chefe de tropa, e assim por diante na hierarquia. O segundo princípio era de que ninguém em uma reunião conhecesse o nome ou endereço verdadeiros dos demais. Na base da pirâmide organizacional, esse princípio era, sem dú-

vida, difícil de ser mantido, mas nos níveis mais altos era imperativo. Com freqüência, era necessário ir propositalmente para o lado errado depois de despedir-se de um amigo. O amigo poderia já estar sendo observado pelo inimigo que assim descobriria também nosso endereço. Em segundo lugar, seu amigo poderia um dia cair nas mãos do inimigo e seria mais seguro que ele não soubesse seu endereço verdadeiro. Esse método também garantia uma certa tranquilidade ao seu amigo nessa posição, porque ele jamais poderia dar detalhes a seu respeito, quer por descuido ou por coação. Não é necessário discutir-se a eficácia do interrogatório e da tortura na maioria das pessoas e, portanto, eram necessários nomes e endereços falsos.

Havia, contudo, uma necessidade entre os conspiradores de ocasionalmente contatarem-se rapidamente. Mensagens faladas eram levadas com freqüência pelas guias, embora, às vezes, elas precisassem ser escritas. Lenços de papel eram o melhor para essas mensagens e muitas vezes usava-se código. Se necessário, tal papel seria engolido.

A informação nunca era levada para a casa do destinatário ou para seu local de trabalho, mas para uma "caixa postal" combinada. Ela normalmente era na forma de uma pessoa, talvez uma guia, que trabalhava em uma loja ou em um café, por exemplo. Com uma troca de senhas, seria dada a mensagem. Dessa maneira, o receptor final seria capaz de operar em segurança e em relativo anonimato. Com a ajuda das guias, ainda se podia realizar reuniões, con-





ferências, treinamentos, acumulação de estoque de emergência e impressões. Considere quão diferentes eram os métodos se comparados aos de hoje, quando simplesmente se usa o telefone.

Uma parte separada da operação clandestina era chamada de “locais”. Trata-se de lugares onde ocorriam todas as reuniões. Alguém inevitavelmente tinha que correr o risco de permitir-nos usar seu local e muitas vezes fazer guarda no edifício enquanto estávamos dentro. Tínhamos que saber como reagir a uma batida inesperada na porta. Como atenção aos visitantes, eram usados determinados símbolos para indicar se era perigoso entrar no edifício: uma planta na janela, por exemplo, ou um percevejo estrategicamente colocado em uma porta.

Os locais continham “esconderijos”, como um lugar secreto em uma parede, no chão, no sótão, para esconder objetos. Outro exemplo era um pau de macarrão oco. Todos os mecanismos exigiam uma abertura secreta e fácil de se limpar as impressões digitais.

As palavras “sempre” e “nunca” tornaram-se formadoras de caráter, especialmente quando tudo demorava tanto – afinal, o movimento clandestino durou cinco anos. Uma lição igualmente boa na formação do caráter devia ser ganha por meio de meticulosa pontualidade; cinco minutos de atraso causavam inquietação, quinze minutos significavam o cancelamento de toda a reunião. Quando discutimos os métodos de nossa conspiração, é importante mencionarmos muitas das pessoas notáveis, como Stefan,

Leszek, e Ala, que agora estão mortos ou com mais de setenta anos de idade.

Inteligência

Não sei porque – talvez devido às “Aventuras de um Espião” de Baden-Powell – mas a inteligência funcionou eficazmente desde o princípio com os “Cinzentos”.

Há dois tipos de inteligência: a ofensiva e a defensiva. A primeira observa o inimigo (como seu poder de fogo) e a segunda monitora a observação do inimigo e impede sua penetração em nossas forças. Essa segunda forma de inteligência não era encorajada pelos escalões mais altos porque não era adequada à educação escoteira. Seria necessário que escoteiros espiassem a outros escoteiros. Eles ainda não eram suficientemente maduros para entender a natureza dessa tarefa e o moral certamente seria abatido. Esse tipo de inteligência era realizada por chefes que defendiam suas próprias seções contra a penetração do inimigo. A inteligência ofensiva, por outro lado, exigia participação massiva e era, portanto, mais adequada para as tropas. Eram atribuídas áreas aos jovens para que estes observassem as estações do inimigo, obtendo detalhes sobre seu número, equipamento, estrada ou linha férrea preferida e horário de movimentação.

Para que a informação fosse a mais específica possível, os meninos preparavam-se cuidadosamen-





te de antemão. Eles aprendiam a reconhecer os distintivos nos quepes, uniformes e viaturas que indicavam o estado maior e os regimentos. Para entender o que viam, os escoteiros tinham que estar familiarizados com o manual de insígnias do inimigo.

Além de reunir informação, as tarefas dos jovens na inteligência exigiam que fossem perspicazes e precisos em tudo que vissem. A tarefa exigia honestidade, especialmente ao contar o número de pessoas e do tráfego inimigo. Não era uma tarefa de adivinhação, e um escoteiro que fornecia informação precisa sentia que havia dado uma pequena contribuição para a vitória final. Por essa razão, a consciência e fidedignidade de um escoteiro tinham que ser desenvolvidas, porque ele não podia ser controlado no campo. Era necessário ser cuidadoso também porque o inimigo poderia facilmente localizar alguém à-toa ou tomando notas. Muitas vezes eles mudavam pedras de um bolso para outro como forma de contar múltiplos, em vez de escrever.

O reconhecimento, também, era cansativo e podia durar várias horas até que viesse o revezamento. Mas isso ensinava paciência e uma atitude de servir que produzia o sucesso. Por exemplo: nos mapas, no centro de operações escoteiras, podia-se traçar a rota de uma coluna de soldados e sua velocidade e destino projetados. A chegada de oficiais de alto escalão indicaria uma nova ofensiva do inimigo. Os escoteiros no estaleiro de Gdynia relataram a chegada do navio "Gniesnau", que até então havia desafiado a Inteligência Aliada. Já em 1940

nossos escoteiros haviam relatado uma nova fábrica de munição em Pennemuende, que devia produzir os foguetes alemães V-1 e V-2.

Cada escoteiro sabia que seu serviço contribuía para esses bons resultados. O codinome dessa inteligência era "Vis" proveniente da frase latina: "Si vis pacem".

Defender!

Os escoteiros poloneses amavam seu exército. Eles conheciam as tradições de luta pela independência. A partir de histórias contadas por seus pais, eles conheciam a dedicação para recobrar sua liberdade do passado não longínquo de 1918. Eles conheciam a defesa heróica contra os bolcheviques nas portas de Varsóvia. Eles também sabiam que, apesar de grandes esforços, o exército polonês era incapaz de suportar a carnificina de 1939.

Os uso de armas pelos escoteiros pode parecer estranho para vocês, mas para nós, um fuzil valia seu peso em ouro. Ele podia defender a nós e a outros do sofrimento, da degradação, e conduziu a uma vida normal.

Em nossas reuniões, contudo, eram muito raros os fuzis. Assim, para aprender como cair no chão estando armados, usávamos uma vassoura. Nos meses de verão, nossas reuniões mudavam-se para as florestas, sob o pretexto de uma caminhada no campo. Às vezes, a fim de disfarçar o verdadeiro propósito de nos-





sos exercícios, fingíamos jogar baralho. Nas cartas estavam escritas as perguntas e respostas dos testes e dos exercícios. Para disfarçar ainda mais, (e isso nos fazia rir) usávamos garrafas de vodka e comida.

Havia não apenas palestras na floresta, senão também uma ampla variedade de atividades, incluindo orientação, marchas e avaliação de distâncias. Infelizmente, havia uma carência de instrutores: muitos haviam morrido ou tinham sido capturados ou estavam escondidos.

Técnicas de treinamento eram aperfeiçoadas e mais armas apareciam. Revólveres, granadas e ultimamente metralhadoras foram disponíveis. Como ajuda para estudar planos, eram feitas maquetas de barro e de madeira para representar as áreas de operação. Ao mesmo tempo, a qualidade da instrução melhorava. O exército clandestino movia-se no sentido de treinar sargentos assim como infantaria e, por fim, cadetes, aspirantes a oficiais. O número de treinandos continuava a crescer e muitos cadetes formaram-se em junho de 1944, cada um tendo recebido seu diploma.

Outras áreas de treinamento foram desenvolvidas, uma das mais populares entre os escoteiros era a de manutenção de motores de automóveis. Dessa maneira, em Varsóvia, trezentos escoteiros foram treinados e qualificados nesse campo.

Outra procura popular era o treinamento de sapadores, especialmente com vistas à destruição de pontes e linhas férreas, com o que unidades

escoteiras envolveram-se em 1942. Entretanto, o ápice do treinamento do exército foi o curso de Companhia de Comandos, objetivando selecionar os melhores homens. Em 1944 vários escoteiros terminaram esse curso. Muitos deles morreram mais tarde na revolta de Varsóvia e seus nomes passaram para a história.

Uma idéia maravilhosa - "Wawer"

O treinamento do exército visava preparar para um momento de insurreição geral, mas a situação exigia que os escoteiros lutassem imediatamente. O treinamento concomitante ensinava paciência e perseverança ao passo que, o tempo todo, a liderança era perspicaz para não exigir demasiadamente, pois estavam tratando com jovens cujas personalidades não haviam sido plenamente desenvolvidas.

Ajudar a própria família e vizinhos exigia uma profunda convicção naqueles tempos de adversidade. A guerra de Inteligência também era de grande importância, embora as realizações não fossem visíveis de imediato e o trabalho fosse cansativo e laborioso. De acordo com a excelente diretiva de Baden-Powell: "use como isca aquilo que o peixe gosta e não o que o pescador gosta", cresceu o desejo de uma nova maneira de combater. Então, surgiu uma nova idéia, proposta por um grupo acadêmico de guias e escoteiros, conhecidos como "A forja". O objetivo era divulgar para o povo uma maneira patriótica de pensar. Hoje em dia isso pode





ser feito pela imprensa, rádio e televisão; mas naqueles dias não existia televisão, e o rádio era proibido. A publicação clandestina de literatura era penalizada com a morte. Para circular informações, portanto, somente se podia produzir um número limitado de cópias. Os escoteiros tinham a tarefa de passar adiante tais informações.

A nova idéia era alcançar a sociedade de maneira diferente, escrevendo nos muros, colando cartazes e distribuindo panfletos. Embora fosse uma idéia simples, a escala e o impacto dessa operação eram fortes.

Também veio à existência uma organização independente que cooperava com o exército clandestino. Conhecida como “Wawer”, era encabeçada por Aleksander Kaminski e organizava todos os projetos de “escrita”. Um fundador dos “Lobinhos”, antes da guerra, Kaminski entendia a necessidade de se educar toda a sociedade usando escoteiros como agentes.

O trabalho foi pensado com muita precisão; toda a capital foi dividida entre as organizações. No caso dos escoteiros, ela foi dividida entre as áreas das tropas, que gerava a responsabilidade pela propaganda em cada área. Exercícios de propaganda eram organizados uma vez por semana, embora não no mesmo dia da semana devido à ameaça de serem descobertos. A hora e local exatos eram sempre mantidos rigorosamente em segredo e isso encorajava um sentimento de disciplina.

Havia muitas tarefas: escrever nos muros, produzir adesivos e panfletos; e todas as atividades exigiam uma pessoa para realizar e outra para vigiar. Assim, fortes laços de amizade foram formados entre os agentes e os vigias. O método mais frequentemente usado era escrever curtas mensagens de encorajamento nos muros. Isso exigia grande coragem e uma mão firme para ser executado sob a ameaça de ser descoberto. Tinha que ser legível e corretamente escrito. No dia seguinte, os resultados seriam, sem dúvidas, vistos pelo chefe de tropa assim como pela população. É importante notar aqui que até mesmo o próprio Aleksander Kaminski realizou tais atividades – liderando pelo exemplo. Canos compridos com jatos de tinta foram desenvolvidos para alcançar mais alto; e depois era necessário um considerável trabalho de raspagem para apagar. Assim continuou a tradição histórica de se escrever nos muros e paredes, diante da adversidade.

O segundo método comum era o uso de adesivos. Estes eram estrategicamente colocados, como em bancos de parques, para advertir contra o namoro com pessoal inimigo. Os adesivos eram colocados próximos a sistemas de divulgação pública do inimigo, para lembrar os ouvintes das falsidades difundidas. Também eram impressos cartazes com a linguagem gráfica do inimigo, mas contendo nossa própria mensagem. Esses quase sempre permaneciam sem ser descobertos por algum tempo devido ao "disfarce". Eram produzidos panfletos no número exato ao de casas e a distribuição era igualmente





precisa: eles eram jogados debaixo das portas dos edifícios, começando pelo andar mais alto, para o caso de ser acionado o alarme. Em um bloco de apartamentos com várias escadarias, só se fazia um desembarque por vez, começando novamente do alto, de maneira que a descida não fosse impedida se os panfletos fossem apanhados pelo inimigo.

Havia um esforço conjunto para fazer parar a exposição de fotografias de pessoas usando o uniforme inimigo e muitos fotógrafos tiveram adesivos de advertência colados em suas vitrines. Nós quebrávamos as janelas e tentávamos remover as fotos das casas daqueles que ignoravam as advertências. De longe, a atividade mais difundida em locais públicos foi nossa operação contra os cinemas. Naquela época, sentimos que o cinema era um insulto para a dignidade do país. Isso tornou-se explícito pela declaração do invasor de que todo o lucro seria investido na sustentação do regime. Terceiro, todos os meios de notícias eram usados para divulgar as idéias dos invasores. Um método favorito dos escoteiros e muito eficaz de se limpar um cinema era soltar um gás irritante ou uma grande bomba que produz mau cheiro. Isso podia limpar um auditório em segundos. Entre a variedade de operações semanais havia a tarefa de remover as bandeiras inimigas. Nossa própria bandeira nacional era hasteada em edifícios governamentais, onde fosse possível e peremptoriamente nos feriados nacionais. Os escoteiros competiam para ver quem podia remover a bandeira mais alta e, igualmente, quem conseguia hastear mais alto a

bandeira nacional. Entre os recordes está a obtenção de uma bandeira inimiga que fora hasteada no Museu de Arte, na capital. Essa grande bandeira foi tirada pelo chefe escoteiro Jan "Rudy" Bytnar, sobre o qual ouviremos mais adiante. Também conseguimos hastear nossa bandeira nacional sobre ruínas na capital, no dia nacional da Polônia, 11 de novembro de 1941.

As programações de atividades semanais eram produzidas nas reuniões semanais da Wawer. Nessas reuniões, as atividades anteriores eram avaliadas e as conclusões eram usadas para orientar as próximas atividades. Uma parte importante das reuniões era planejar a longo prazo: quantos panfletos imprimir? que estaria escrito neles? e, teria a psique da população sido alterada de alguma maneira? Em outras palavras, tínhamos produzido um impacto? fomos bem sucedidos? e que deveríamos fazer a seguir?

Trabalho opcional também era importante. Uma tarefa voluntária foi remover a placa alemã da estátua do astrônomo polonês Nikola Kopernik [Nicolau Copérnico]. A placa dizia que ele era alemão. Essa tarefa foi realizada por Aleksy Dawidowski, muito próximo aos guardas alemães. Em retaliação, eles removeram a estátua de outro grande polonês, Jan Kilinski. O mesmo escoteiro investigou seu paradeiro e escreveu na parede do museu onde a estátua estava escondida. Outro exemplo era comutar nosso programa de radiodifusão para o megafone de propaganda do inimigo. Isso era feito ligando o megafone





com o telefone de uma casa clandestina. Na rua, um membro da Wawer vigiava a casa e desconectava ao primeiro sinal de problema. Isso funcionava bem. O efeito era tremendo. O Hino Nacional Polonês soava pelas ruas a pleno volume na capital. Seguia-se um discurso, incitando à vitória e chamando o povo para que ficasse firme. As pessoas choravam nas ruas e abraçavam-se umas às outras.

Um destinatário admirável

Panfletos, adesivos e toda sorte de métodos descritos foram maneiras de falar à nação; uma nação oprimida e despojada da verdade e, portanto, de uma perspectiva clara. Ironicamente, métodos parecidos aos nossos eram usados pelos alemães que ocupavam outros países.

A esse método similar dávamos o codinome “N”, mas não era executado pela Wawer, senão pelo exército clandestino, sendo fundamental que a propaganda parecesse ser obra do Invasor. O alvo desse material eram aquelas pessoas que poderiam não concordar plenamente com os objetivos das forças alemãs. Nosso alvo era estimular essa possível escola de pensamento e fazer tais pessoas sentirem-se menos minoritários.

Quando saiu, esse tipo de propaganda incomodou muito a liderança hitlerista. Ela foi escrita por nosso próprio pessoal que eram especialistas em alemão. Dos princípios adotados, foi extraída uma série

de conclusões. Somente alguns agentes no movimento clandestino sabiam dessa propaganda e, portanto, era uma conspiração dentro de uma conspiração. O efeito produzido nos escoteiros que estavam envolvidos foi o sentimento de ser um membro de um grupo selecionado, sendo dessa maneira exigido que se mantivesse uma disciplina de silêncio.

Outra consideração prática era o próprio panfleto. Além de estar em alemão perfeito, a informação tinha que ser muito sucinta. A distribuição desse material demandou uma deliberação adicional. Os melhores locais eram aqueles nos quais passavam grande número de soldados alemães: tabernas, bondes e trens reservados exclusivamente para uso alemão. A operação intensificou a eclosão das hostilidades entre os ex-aliados: Alemanha e Rússia, em 1941. A operação "N" foi intensificada particularmente nas áreas onde grande número de tropas alemãs movimentavam-se para o leste. Para os agentes, o manuseio desse material era muito arriscado: a fúria do inimigo seria muito grande. As mortes brutais daqueles oficiais alemães envolvidos na tentativa de assassinato de Hitler, em 1944, é bem conhecida. Contudo, nossos escoteiros colocavam panfletos no bolso dos casacos dos soldados em cantinas do exército e os jogavam dentro das viaturas militares. Alguns também eram enviados para endereços específicos.

A operação provou ser muito bem sucedida e difícil de ser descoberta pelo inimigo. Para criar confusão entre o quadro de hitleristas, e para mi-





nar a eficiência deles, foi colocada uma fotografia do Marechal de Campo Richenau em uma de nossas publicações. A publicação era uma imitação de um influente jornal militar alemão chamado "Der Frontkämpfer". Nele, afirmávamos que o marechal de campo era incapaz e indigno de confiança. Von Richenau (que na verdade era muito competente) foi chamado ao quartel general de Hitler e não retornou.

A operação "N" tentou espalhar confusão entre os corpos administrativos em nosso país, com o propósito de deixá-los incomodados. Outros exemplos de confusão semeada incluíam: fazer chamadas telefônicas falsas para a frente de batalha dizendo que fulano de tal havia morrido, cimentar as fechaduras de edifícios alemães e convocar ao mesmo tempo um número imenso de pessoas para o escritório de determinado oficial. Entre as melhores operações estava enviar instruções aos clérigos alemães que trabalhavam na capital. Eles eram todos instruídos, ao mesmo tempo, a mudar de casa, para uma mesma casa onde morava um oficial alemão. Os alemães, acostumados com ordem e disciplina, obedeciam sem questionar e a confusão causou muitas reclamações às autoridades superiores; esse incidente alcançou seu objetivo de maneira magnífica. A idéia era levar o invasor para fora de nossa terra, por meio de agitação e persistência total, como uma mosca tsé-tsé, cujo nome foi dado a essa operação.

Hoje, amanhã, o dia seguinte

Inteligência, treinamento do exército, "Wawer" e "N" foram operações que compreendiam programas de tropas escoteiras naquele primeiro período. Os programas dessas tropas variavam segundo as condições locais e segundo os interesses e capacidades dos chefes escoteiros que guiavam as tropas. Alguns programas concentravam-se em apenas uma atividade ao passo que outros incluíam duas ou mais.

Chegando o fim de junho de 1941, brotou na capital uma idéia para um programa chamado "Hoje, amanhã, o dia seguinte". Mais tarde adaptada por todo o país, a essência da idéia era que todo rapaz ou garota vivesse uma vida que "hoje" promovesse a guerra contra o Invasor, mas que ao mesmo tempo se preparasse para uma batalha diferente que haveria de ser lutada "amanhã". A batalha que havia de vir não seria clandestina, mas aberta, na forma de uma rebelião nacional. A diferença com a guerra de "hoje" era que ela descartava o peso da conspiração e usava ordens escritas e uniformes. Finalmente, as tropas tinham que preparar-se para a tarefa de reconstruir o país libertado: "o dia seguinte". Todos tinham que sentir-se necessários em todos os estágios desses planos e tinham que estar preparados sem descansar sobre os louros de algum sucesso.

O ingrediente mais importante era que a preparação para todas essas tarefas tinha se tornado parte da vida diária. Cada pessoa tinha que sentir-se pessoalmente valiosa à causa. Para o escoteiro, cada





mudança trazia mais para perto o que pareciam ser horizontes distantes. A única oposição veio dos que não podiam ver o valor da organização; dos céticos. Tal relutância tinha que ser erradicada, uma vez que o objetivo máximo era produzir um escoteiro bem preparado para a missão da batalha e reedificação.

Assim, a Inteligência, o “Wawer” e o “N” eram atividades escolhidas para a batalha “de hoje”. O treinamento militar mais especializado, de mecânico de motores, especialistas em sapadores e comunicação, por exemplo, eram atividades para “amanhã”. Estudos avançados em escolas mostraram aos alunos os métodos possíveis de reconstrução e administração para o “dia seguinte”.

Escolas de Combate

O verão e outono de 1942 apresentaram outro grande problema para os “cinzentos”. Lembremos que os chefes escoteiros eminentes chamaram à existência o Movimento Escoteiro Clandestino com um propósito específico. Com isso, veio um limite de idade mínimo de dezoito anos. Os que entraram inicialmente tinham agora vinte anos, mas um número crescente de jovens menores de dezoito anos desejavam entrar. Depois de dois anos de rogos, a idade mínima foi reduzida para quinze anos. Infelizmente, a diferença entre vinte e quinze anos é marcante e era necessário que se introduzisse uma nova seção.

Depois de muita deliberação, decidiu-se dividir os escoteiros em dois grupos: “Escolas de Com-

bate", para os de quinze a dezoito anos, e "Tropas de Assalto" para os de dezoito anos para cima. A tradição escoteira de influência múltipla resultou no fato de os mais jovens procurarem imitar os mais velhos, que, por sua vez, tinham que dar o exemplo.

Até mesmo nas Escolas de Combate mais novas, o treinamento inicial daqueles futuros soldados incluía lições de liderança, comunicações e reconhecimento. Isso era uma preparação para a luta de "amanhã". Para a batalha de "hoje", havia uma expectativa vibrante nas Escolas de Combate de se tomar as tarefas de inteligência dos rapazes mais velhos. Assim, essas escolas tinham um caminho bem trilhado pelas realizações de seus antecessores e, como apoio às atividades acadêmicas, os escoteiros preparavam-se também para o "dia seguinte".

Tropas de Assalto

Como resultado da divisão, apareceu agora uma tropa de maiores de dezoito anos. Muitos tinham sido ativos no movimento clandestino durante algum tempo e agora estavam familiarizados com o serviço.

Essa atitude coincidiu com mudanças que ocorreram em toda frente de batalha na Polônia. A organização, incluindo o exército clandestino estava sendo restaurada, crescendo e ganhando eficiência. Com o começo da guerra entre Alemanha e Rússia, o fronte mudou-se para perto de nós. A tensão crescia. As publicações e operações Wawer não eram mais nos-





sas prioridades. Eram necessários métodos mais duros e isso exigiu que os escoteiros convocassem seus companheiros mais velhos para a causa. O que precisava ser feito era assegurar que essa luta nova e difícil fosse edificada sobre um treinamento e organização sólidos a fim de minimizar perdas do nosso lado. Tampouco queríamos provocar o inimigo para que retaliasse contra pessoas indefesas.

A idéia de dar experiência aos escoteiros na linha de frente foi levada adiante pelo Comandante dos Cinzentos, Florian Marciniak, quando ele fez um pacto com o Comando do Exército Nativo de Distração no outono de 1942. Dessa maneira, os grupos de combate de “hoje” foram organizados.

As tarefas mais importantes eram explodir pontes e trilhos de trem. Devido à geografia, esses eram elos vitais para os alemães que atravessavam nosso país. Os rapazes levavam muito a sério suas tarefas, pois entendiam sua responsabilidade para com a liberdade do nosso país. Explodir uma ponte exigia muito treinamento e cuidado: eles tinham que saber onde colocar os explosivos para causar maiores resultados. O tamanho e tipo do explosivo também precisavam ser avaliados. Os agentes precisavam saber como armar um estopim e um detonador elétrico e também escolher o local exato para observação (do trem, por exemplo) e ainda ser capazes de fugir sem ser descobertos. Mais tarde, foram usados detonadores automáticos, que detonavam sob a pressão de um objeto móvel.

Os grupos de ataque vieram à existência em 3 de novembro de 1942 e a primeira explosão em ferrovia ocorreu na véspera de Ano Novo.

Houve muita deliberação sobre o fato de os maquinistas dos trens perderem a vida e de que outros também poderiam ser feridos. Também tínhamos preocupação com a destruição de nossas próprias pontes. Nossa crença, entretanto, era que não fomos nós que começamos a guerra e estávamos defendendo-nos e às nossas famílias diante de um inimigo insensível e cínico cujos crimes planejados incluíam genocídio e escravidão amplamente difundidos.

Os Grupos de Ataque realizaram mais ou menos uma dúzia de operações em ferrovias entre a Véspera de Ano Novo e a Rebelião de Varsóvia. Dois foram ordenados pelo Comandante em Chefe do Exército Polonês enquanto ainda estava em Londres. Isso foi feito para demonstrar aos Aliados a integridade e eficiência de nossas forças. Importantes rotas de suprimento foram explodidas a 300 km ao leste da capital.

Além de ferrovias, outro aspecto da ofensiva dos Grupos de Ataque foi oposição ao terror perpetrado pelo inimigo. Realizamos um empreendimento muito arriscado e fizemos atentados (muitos deles bem sucedidos) contra a vida de oficiais da Gestapo: Buerckel, Lechner, Lange, Schultz, Brandt, Koppe e Kutscher. O terror foi vencido e o risco recompensado.





Essas operações exigiam muito trabalho preparatório, durando muitas semanas, sendo o principal elemento o reconhecimento do oficial alvo da Gestapo. Uma vez que não haveria uma segunda chance, a operação tinha que ser precisamente executada. A responsabilidade dos escoteiros que executavam essas tarefas era imensa. Mas houve perdas. Todas muito dolorosas: perderam-se vidas de jovens maravilhosos. Como exemplo, mencionaremos Bronek Pietraszewicz que foi morto em um atentado contra Kutscher.

É necessário enfatizar que nossos rapazes tomaram parte em atentados que exigiam ações de grande escala. Contudo, eles nunca foram ordenados a executar traidores, por exemplo. Isso normalmente envolvia ir à casa do traidor, ler a sentença de morte e realizar a tarefa. Tarefas com tal exigência moral eram executadas por membros maduros do exército clandestino.

Os “grupos de ataque”, contudo, não estavam restritos a operações em ferrovias. Eles eram necessários na aquisição de armas e para vigiar reuniões e proteger pessoas. O maior incentivo moral, contudo, era a recaptura de prisioneiros; os “grupos de ataque” eram muito bons nessa atividade. A primeira dessas realizações foi em março de 1943. Jan “Rudy” Bytnar, um de nossos líderes anteriormente mencionados, foi preso e brutalmente torturado pela Gestapo. A decisão de libertá-lo foi tomada por seu amigo íntimo e colega, Tadeusz Zawadzki. Foi aí que mudou nosso

esforço de propaganda de guerra, para uma verdadeira guerra. Os "grupos de ataque" esperaram a aprovação da liderança do exército clandestino. Eles atacaram um comboio da Gestapo em 26 de março de 1943. Três de nossos vinte e oito rapazes perderam a vida, mas vinte e cinco prisioneiros, incluindo Rudy, foram libertados.

Rudy morreu quatro dias mais tarde, como resultado da tortura, mas pelo menos ele estava entre seu próprio povo e não sozinho na câmara de tortura da Gestapo. A operação para libertá-lo foi conhecida como "Operação Arsenal".

Enquanto isso, em preparação para a "luta de amanhã", os rapazes ainda estavam fazendo seu treinamento militar com o exército clandestino nas bases nas florestas. Alguns faziam treinamento de paraquedistas para apoiar futuras tentativas de assassinato. Todas essas atividades cresciam à medida que se aproximava o tempo para um levante nacional.

"Zawisza"

No verão de 1942, grupos de rapazes bem mais jovens começaram a aparecer nos "cinzentos". Foi uma decisão espontânea que quebrou a tradição do limite de dezoito anos de idade. Em muitos casos, esses grupos jovens eram supervisionados por guias e escoteiros mais velhos. Havia até mesmo grupos de jovens da mesma área ou escola que formavam suas próprias tropas. O líder dos "cinzen-





tos” Florian Marciniak tinha a dupla responsabilidade sobre meninos de treze anos realizando trabalho clandestino enquanto, ao mesmo tempo, tentava mantê-los alegres.

Florian Marciniak ouvia o maior número possível de opiniões e estava claro que os meninos e suas famílias estavam muito entusiasmados em se envolverem. Os jovens foram organizados na “Zawisza”, nome de um cavaleiro polonês corajoso da virada do século quinze. Seu nome era sinônimo de falar a verdade em tempos de opressão.

Ao devotar-se para trabalhar na Zawisza, foi cuidadosamente preparado um livro texto por Aleksander Kaminski. Esse livro circulou amplamente. Jovens com sede de ação foram colhidos pelo grupo Zawisza. Como resultado, a idade dos chefes de tropa diminuiu drasticamente em algumas áreas, chegando aos dezesseis anos de idade. Gradualmente, portanto, os jovens foram absorvidos pelos “cinzentos” e adotou-se o conceito de: “hoje, amanhã e o dia seguinte”. Reconhecia-se que tais meninos eram jovens demais para a luta de “hoje”, mas que viviam os ideais escoteiros de serviço aos outros e ao país. Eles deviam ser preparados, alcançando boas notas na preparação para as tarefas de “amanhã”.

Toda a tradição do conhecimento escoteiro era valorizada com atividades como: higiene, primeiros socorros, remendar uniformes rasgados e cozinhar. Conhecimento da localidade, de ruas, de casas seguras,

de áreas públicas, de rotas de fuga e de atalhos tornou-se também valioso. Foram organizados exercícios e manobras a respeito. Os escoteiros Zawisza que não se conheciam entre si engajaram-se em enganar o inimigo – exercícios de identificação.

Outra experiência para a Zawisza eram as viagens ao campo, pretensamente para comprar provisões. Eles saíam por algumas horas ou até mesmo para um pernoite entre sábado e domingo. Essas excursões ensinavam orientação e disfarce e, sem dúvida, proviam a experiência escoteira de estar no campo e na floresta.

Na Zawisza, desenvolveu-se um grande amor pela organização ao ponto de não quererem ser considerados "cinzentos". Isso também foi encorajado pela necessária falta de integração entre as Escolas de Combate e os Grupos de Ataque.

Contudo, os membros da Zawisza amavam conversas de fogo de conselho, hinos e cantigas e seu espírito saudável de independência talvez tornou-se mais forte porque a presença do inimigo mantinha separados os grupos. O único problema em estar separados era que as cerimônias tinham que ser conduzidas em pequenos grupos, mas eles o faziam com grande atenção e concentração.

Em 22 de janeiro de 1943 (o oitavo aniversário da última insurreição polonesa) ocorreu uma grande cerimônia da Zawisza nas ruas arruinadas de Varsóvia. A liderança deu aprovação para uma reunião à meia noite nas ruínas. Foi acendido um





fogo de conselho e bandeiras nazistas capturadas foram jogadas no chão. Recém-chegados afortunados fizeram promessa nessa cerimônia. Aos que ainda estão vivos, aquela cena ainda deve permanecer em seus corações; ela simbolizou o esforço eterno entre o bem e o mal.

Novos Chefes Escoteiros

No começo do movimento, havia uns poucos chefes. Muitos foram perdidos em 1939, incluindo o capelão Frei Marian Luzar. Dos que sobreviveram, muitos foram forçados à obscuridade.

Nos primeiros meses depois da guerra, a Polônia viu o começo das prisões, campos de concentração e execuções. Muitos chefes tentaram chegar à França onde o Exército Polonês estava sendo formado. As massas de jovens foram imediatamente dispersadas e a clandestinidade despedaçada por deportações para a Sibéria (pelos russos) e para campos de concentração e por migrações forçadas pelos alemães. Os números de escoteiros na clandestinidade caiu de uns 30.000 para aproximadamente 4.000.

Os números começaram a crescer gradualmente à medida que os jovens eram recrutados para o estilo de vida escoteiro e que mais chefes eram treinados. Florian Marciniak não apenas era um chefe escoteiro eminente como também um excelente psicólogo. Ele escolheu Jan Rossman para ser o novo

chefe dos escoteiros na capital. Se fosse bem sucedido, pensou, então seriam introduzidos chefes por todo o país. Na primavera de 1942, começou o treinamento de novos chefes.

Os escoteiros não se apresentavam voluntariamente para tornarem-se chefes; eles eram escolhidos depois de provarem ser candidatos dignos. Seu superior imediato tinha uma grande influência na escolha. O período de guerra, sem dúvida, proveu muitas oportunidades para que os escoteiros pudessem provar a si mesmos. O tempo de treinamento, conseqüentemente, era comparativamente curto, porque tinha que ser clandestino. Era intensivo e incluía dois dias (uma noite) na floresta. Havia palestras, discussões, leitura e atividades esportivas. Bem antes, os chefes escoteiros existentes sabiam quem iriam escolher. Próximo ao final da guerra, 259 jovens chefes haviam passado pela "escola da floresta".

Um ano depois daquela primavera, quando a "escola da floresta" estava operando, surgiu a necessidade de treinamento para os antigos chefes, a fim de fazer sentir o escotismo por todo o país e de ser reconhecido por todo o mundo. O treinamento desse "Curso Carismático" exigia uma seleção cuidadosa de candidatos e sérias deliberações. O diretor desses cursos deveria ser o próprio Comandante, Florian Marciniak. Tragicamente, ele foi preso antes do primeiro curso ter começado e a tarefa recaiu sobre seus adjuntos. Até o final da guerra, cinquenta e cinco chefes mais velhos foram treinados.





A palavra impressa

Conhecemos o perigo de se escrever e publicar, porque os agentes do Invasor tentavam descobrir as gráficas. A Wawer apenas podia produzir principalmente slogans e pequenos impressos. A sede por livros livremente publicados tinha que ser saciada. Quando começou a clandestinidade, uma de suas primeiras tarefas foi a distribuição de livros, além de inteligência e treinamento militar. As informações eram copiadas das emissões de rádio do exterior. Em uma pequena cidade no centro da Polônia, Pinczow, o serviço de publicação continuou durante toda a ocupação.

Além de suprir a nação com muita informação necessária, os livros permitiam a troca de idéias entre os escoteiros. Devemos lembrar que só eram permitidas reuniões de pequenos grupos. O ponto de vista de pessoas mais velhas e mais experientes era necessário. Os livros, portanto, também comunicavam o pensamento daquelas pessoas que os escoteiros nunca podiam esperar ouvir pessoalmente.

Deve-se lembrar que o papel também era nosso inimigo: ele levava nosso esforço para a luz do dia e se tornava evidência contra nós, se fosse descoberto. Contudo, foi tomada a difícil decisão de imprimir. Por causa do conseqüente risco de vida, o conteúdo de nossos livros tinha que ser de alta qualidade.

O destino quis que os escoteiros tivessem um excelente autor na pessoa de Aleksander Kaminski.

Ele escreveu três livros de ótima qualidade, um dos quais foi reconhecido como obra prima nos círculos escoteiros do país e do exterior. "Pedras para a Trincheira" ainda existe até hoje em muitas línguas.

Além de livros, também havia revistas locais e de âmbito nacional.

Os jovens ao nosso redor

A atitude escoteira de fraternidade com todos os jovens, ditava que era preciso ação para trazer para o movimento muitos dos jovens que eram oprimidos pelo inimigo por todo o país. Isso era tanto para o benefício deles próprios como para nossa necessidade de número. De fato, nossos números tiveram que ser limitados para manter-se a ordem.

Um método típico de recrutamento (operação "M") envolvia escoteiros organizando um jogo de futebol no parque. À medida que os espectadores se reuniam, eles eram convidados para jogar e combinavam de reunirem-se novamente, talvez com outros. Em conversas depois dos jogos, distribuía-se livros e panfletos com o catecismo do "M" descrevendo em dez sentenças os requisitos para ser um escoteiro corajoso.

O boxe também era usado como isca, com o empréstimo de luvas a fim de trazer as pessoas de volta. Suplementos vitamínicos também eram distribuídos dessa maneira, para fazer dos escoteiros "bons atletas".





A aquisição de bolas, luvas e vitaminas eram pagas pela clandestinidade como um todo. Os livros eram recolhidos por uma pessoa individualmente e os panfletos eram colocados dentro, impressos pelos próprios escoteiros, em gráficas clandestinas.

Os resultados da operação “M” não podem ser quantificados mas foi alcançado um objetivo duplo: o de iluminar os outros e de desenvolver a fraternidade escoteira.

“Amanhã”

O objetivo por trás do programa “hoje, amanhã e o dia seguinte” era o de que cada escoteiro nunca perdesse de vista o futuro, tanto de curto como de longo prazo. A preparação para o futuro era “hoje”. A medida que o futuro almejado se aproximava, mais energia e comprometimento eram gerados visando um tempo mais feliz, em contraste com a miséria de “hoje”. A humilhação e o sofrimento tornaram-nos todos mais ativos e determinados a vencer “amanhã”.

O ritmo da preparação cresceu. Os cursos de treinamento para oficiais eram agora numerosos e de um padrão cada vez mais elevado. Também surgiram cursos para Comandantes de Companhia. Os “grupos de ataque” foram agora elevados ao padrão de tropas de elite militares. Nas florestas, começaram as preparações para organizar treinamento de paraquedistas para os escoteiros que quisessem

tornar-se parte integral das forças aero-transportadas Aliadas. O "amanhã" se aproximava e provocava entusiasmo.

Nessa ocasião, contudo, surgiu um novo temor. As forças soviéticas eram agora, oficialmente, nossas aliadas; mas será que poderíamos confiar em suas intenções? O desejo pela paz é compreensível, mas, como disse uma vez um de nossos Chefes: "não existe paz sem um preço". O escotismo ensina que, às vezes, devem ser feitos sacrifícios para tal liberdade. Eles não podiam crer que o mundo nos permitiria estar à mercê do avanço do fronte. O silêncio do Ocidente levava-nos a duvidar da integridade da humanidade.

O fronte aproximava-se, e a incerteza da situação impedia que os chefes instigassem um levante geral. Eles decidiram lutar à medida que o fronte aproximava-se. Eles decidiram atacar os alemães que recuavam, com os soviéticos, para demonstrar que era sem dúvida nosso país que estávamos defendendo. Dessa maneira, demonstraríamos nossas intenções aos soviéticos e ao nosso povo.

O fronte avançava e sucessivas tropas escoteiras estavam sendo alcançadas. Elas receberam uma carta do Centro de Operações para que realizassem suas tarefas e lhes foi dada a certeza de que seus irmãos estavam na mesma situação.

Mais tarde, o Centro de Operações silenciou, por também haver sido alcançado. À medida que o fronte avançava, as tropas escoteiras tomaram ar-





mas. Elas travaram a guerra e foram vitoriosas. Os soviéticos entraram em diálogo com elas. Então veio a traição: nossos homens e chefes foram cercados e deportados para o oriente. As unidades foram desarmadas. Houve o Pelotão de Fuzilamento. Uma nova Ocupação. O pior havia chegado.

Então, o fronte avançou sobre a capital, Varsóvia. As pessoas da capital resistiram na rebelião de Varsóvia de 1º de agosto de 1944. A despeito da grande força do inimigo, o exército clandestino tomou o controle de vários distritos da cidade. Eles seguiram uma explosão de liberdade. Nas ruas e telhados apareceram bandeiras polonesas vermelhas e brancas.

Entre as unidades insurgentes estavam os Batalhões dos “Grupos de Ataque” que distinguiram-se. Uniformes capturados foram tirados de lojas inimigas e distribuídos. Eles foram adornados com uma braçadeira vermelha e branca e a águia polonesa foi pintada nos capacetes. Os distintivos escoteiros foram tirados dos esconderijos.

Tudo isso ocorreu espontaneamente, sem ordens. Em algumas partes da cidade, unidades de escoteiros mais jovens, das “escolas de combate” também tomaram parte na investida. Por fim, os mais novos, da Zawisza, reuniram-se para distribuir cartas por toda a cidade, solicitando apoio e dando notícias dos que estavam atrás das linhas inimigas. Juntamente com isso, os escoteiros e guias mais velhos improvisaram um “serviço da comunidade

escoteira". Ele ajudava a apagar incêndios, retirar entulhos, prestar primeiros socorros e suprir leite para bebês. A cidade começou novamente a sentir o pulso de vida.

Ao mesmo tempo, os alemães traziam seus reservistas de toda parte, seus tanques e tropas de assalto avançavam sobre nossas posições. Como resultado de uma força avassaladora, fomos forçados a recuar, diante dos tiros, saques e pilhagens. Nossas perdas foram muito grandes devido aos ataques de artilharia.

Enquanto isso, o fronte soviético, vindo do leste, estava nas cercanias da capital com o grito cínico: "Que morram os jovens patriotas"!

O levante durou sessenta e três dias e foi uma das batalhas mais longas e sangrentas da guerra. Além desse tempo, sem comida, água e munição, a cidade teve que capitular. Homens corajosos marcharam para campos de concentração, deixando atrás de si as ruínas incendiadas daquela que fora uma linda cidade. Os alemães então expulsaram os civis. Para a capital, o "amanhã" havia terminado.

"O dia seguinte" – uma mentira

Nessa ocasião, os escoteiros imaginavam-se como médicos cuidando de um paciente enfermo. Nessa idéia, não pensávamos em descansar. Os escoteiros queriam ajudar a curar as feridas infligidas em seu próprio pedaço de terra dado por Deus.





Talvez o único descanso ocorresse à noite, ao redor do fogo de conselho, que sempre parecia ascender o espírito de liberdade diante da adversidade e do mal. A floresta ressoava histórias de heróis como Florian Marciniak e “Zoska”, ambos agora mortos. Contudo, a despeito de sua preparação, os escoteiros ficaram muito emudecidos diante do “dia seguinte”. Eles lembraram-se das palavras de Aleksander Kaminski, depois da decisão de capitular: “Haverá bandeiras vermelhas e brancas, haverá um hino nacional e haverá uniformes. Haverá também uma organização escoteira, nossos distintivos e uniformes. Mas não será o que sonhamos”. Agora entendíamos; ele falava de uma falsa voz baixa, que embora discreta e anônima, estava danificando nosso entusiasmo. Não podíamos identificá-la facilmente, porque tudo parecia igual a antes.

Lentamente, começamos a notar críticas maliciosas e falsas a respeito do nosso exército que havia lutado tão bravamente. Circulavam informações estranhas sobre nossos generais que supostamente haviam fugido do combate; contudo sabíamos os lugares onde muitos deles haviam caído em combate. Nossa história e tradição militar estava sendo ridicularizada enquanto tudo que vinha do leste era louvado. Exigiam que nos uníssemos a essas vozes com tais falsidades.

Juntamente com isso, um sentimento de desconfiança cresceu entre as pessoas. Fofocas e mentiras começaram a ser ditas sobre as pessoas e seus amigos; às vezes pelos seus amigos. Nesse dia, a ca-

maradagem começou a ser afetada e com ela a vontade de cooperar na reconstrução. Essa forma de engano e desconfiança persistiu por quarenta e cinco anos. Além disso, a força interior que nos havia tornado valentes em momentos de perigo também estava sob ataque, na forma de ataque contra a religião. Quando o regime totalitário soviético foi derrubado em 1989, o dano sem dúvida estava evidente, mas o coração e propósito estavam temperados e ainda colocados em sua tradição.

Inicialmente, algumas pessoas tentaram crer que o regime soviético não era tão mal, que ele simplesmente lutava pelos mesmos ideais mas por caminho diferente. Os escoteiros, assim como outros, logo perceberam que havia um mal hostil e destrutivo ao redor. Por exemplo: fomos instados a não buscar nenhum tipo de fraternidade mas a erradicar qualquer um que fosse contra as novas leis. Isso foi conhecido como "guerra de classe". Todo o processo para alcançar a verdade foi obstruído, pois fomos ensinados que os homens deveriam temer a seus semelhantes: uns aos outros e ao estado. Fomos ensinados que as amizades haveriam de deteriorar-se, o que veio a ocorrer. O fraco e o forte começaram a sucumbir, unidades organizadas de resistência desagregaram-se e o comunismo floresceu.

Onze anos depois da guerra, começou-se a ver novamente o escotismo, como resultado do Partido Comunista Polonês ter relaxado suas leis domésti-





cas. Contudo, só foi permitido ao escotismo que florescesse, se este aderisse a um novo conjunto de regras. Não havia tropas separadas de guias e escoteiros. Acampamentos foram abolidos. Cozinhar era tarefa feita por pessoas contratadas e pagas e o exército estava próximo, em barracas. As Patrulhas foram dispersadas; Baden-Powell foi rejeitado como imperialista e opressor. Ensinaaram ao novo núcleo de treinamento de pessoal seus deveres de maneira séria e sem um sorriso. Os antigos chefes escoteiros ainda estavam vivos e prontos para dar conselhos, mas eram poucos e, pode-se entender porque, restringiram-se à segurança de seus lares.

Todos os anos, desde 1968, no aniversário da morte de "Rudy" Bytnar (26 de março de 1946) os chefes escoteiros de toda a Polônia reuniam-se para comemorar sua vida. A despeito da desaprovação das autoridades, muitos escoteiros tomavam como seus patronos pessoas como Florian Marciniak, "Rudy", "Zoska", Aleksander Kaminski e outros. Os esforços não estavam confinados ao escotismo e aos jovens. Eles envolviam toda a sociedade.

Então, veio o ano de 1980, quando a sociedade levantou sua cabeça. Os trabalhadores começaram a anunciar greves, algo impensável em anos anteriores. Eles começaram a exigir a cessação da opressão e a volta à liberdade de expressão. Apareceu um movimento de muitos milhões de membros, que exigia corajosamente seus direitos, mas sem violência: ele tomou o nome de "Solidariedade". Como resultado, seguiram-se dezesseis meses de relativa liber-

dade, até que ela foi interrompida por imposição de lei marcial em 13 de dezembro de 1981. Apareceram detenções, surras, patrulhas do exército, toque de recolher, "o caminho da saúde", prisões e tanques. Contudo, durante esse breve período, os círculos de chefes escoteiros expandiram-se a fim de trazer de volta os programas e métodos tradicionais.

A essa altura, contudo, é preciso observar que os jovens eram agora diferentes daqueles de trinta e cinco anos atrás. A aparência do uniforme escoteiro por fim atraiu a admiração e simpatia das pessoas que tinham tornado-se indiferentes por causa do comunismo.

Grandes oportunidades para os escoteiros mostrarem-se incluíram as visitas do Papa João Paulo II. Um novo distintivo para "Serviço Branco" foi criado, baseado em primeiros socorros, controle de multidão e serviço de informação. Na segunda visita do Papa, em 1983, numerosas Patrulhas estiveram em evidência. A terceira, em 1987, excedeu a todas as expectativas. Tropas de guias e escoteiros mostraram ao Santo Padre, à igreja e à toda a comunidade um sorriso e uma atitude saudável para trabalhar. Uma tropa de escoteiros mais velhos marchou 100 km em vinte e quatro horas e apresentou-se imediatamente para serviço, sem descansar. Quatro mil guias e escoteiros tomaram parte nas celebrações em Gdynia, limparam a cidade depois, marcharam 20 km à noite para a próxima cidade (Gdansk) onde apresentaram-se para as próximas celebrações. Escoteiros da região costeira distinguiram-se no "Ser-





viço Branco” carregando os enfermos que, apesar de estarem em cadeiras de rodas e macas, queriam encontrar-se com o Papa.

A maior concentração de escoteiros foi na cidade de Tarnow, onde um milhão de peregrinos se reuniram, incluindo 18.000 escoteiros. Eles realizaram suas tarefas de maneira admirável e também fizeram uma exibição histórica. Durante a missa, em um campo nas cercanias da cidade, uma guia e um escoteiro ofereceram presentes ao Santo Padre e juraram diante de todos a honrar a lei escoteira. 18.000 vozes repetiram a lei e, depois de um aplauso ensurdecedor, o Santo Padre disse: “Eu vos vejo. Eu vos abençoo”.

Eles também foram vistos e ouvidos pela polícia secreta comunista, que agora percebia que tinha de existir uma forte organização clandestina. Depois da peregrinação, em julho de 1987, foi dada a ordem de destruir o escotismo.

Nossos informantes disseram-nos que os métodos a serem usados contra nós incluíam infiltrar nossa clandestinidade e então isolar e lesar a reputação dos nossos líderes. Esses métodos causaram diferenças na nossa fraternidade, mas a liberdade se aproximava.

A despeito de tudo isso, o último ano de atividade clandestina trouxe duas realizações. A primeira foi a organização pelos escoteiros do funeral do herói de guerra Major Jan Piwnik. Seus restos mortais nunca foram adequadamente sepultados e

as autoridades comunistas não se preocupavam com isso. Era intenção de seus antigos companheiros de armas, que seu ataúde passasse por todas as cidades em que ele serviu. Havia vários milhares de pessoas ao longo da estrada, sem qualquer organização prévia. Os escoteiros e guias tomaram a responsabilidade, acompanhando o cortejo e cuidando das multidões. Eles, é claro, eram também parte da mesma multidão: mantendo a ordem por meio do exemplo.

O "canto do cisne" do escotismo clandestino polonês foi sua participação no Jamboree Mundial nos Estados Unidos, em Rising Sun, agosto de 1988. A expedição para os EUA tinha que ser feita sem o conhecimento dos comunistas. Os escoteiros deixaram a Polônia, individualmente, tendo passado pelas rigorosas formalidades normais. Reuniram-se no caminho, no aeroporto de Frankfurt, e colocaram seus uniformes e distintivos. Sua presença no Jamboree foi uma revelação para a comunidade de imigrantes poloneses, exilados de seu país por causa da Ocupação.

Esse foi o maior sinal de que o longamente esperado "dia seguinte" estava às portas.

"O dia seguinte" – A Verdade

Finalmente chegou o verdadeiro "dia seguinte". 1989 viu o colapso da ocupação totalitária na Polônia e na Europa central. Logo depois veio o co-





lapso da própria União Soviética. Levaram cinquenta anos. Não importa como ocorreu a mudança ou que ela tenha acontecido de maneira inimaginavelmente rápida; o que importa é que aconteceu.

Na Promessa Escoteira polonesa, falamos de realizar nossas obrigações “com a nossa própria vida”. Por isso, agora, embora o bastão tenha sido passado a gerações sucessivas, os rapazes e meninas dos “cinzentos” ainda têm uma obrigação de ensinar, ajudar e ser um exemplo para os outros. Eles devem fazê-lo para si mesmos e em nome daqueles que já foram para o “acampamento eterno”.

O caminho teve que ser aberto, depois de tantos anos de abuso e destruição. Era necessário permitir que a beleza natural do país retornasse. Era necessário permitir que as sementes de bondade florescessem, onde as ervas daninhas haviam medrado. Ecologicamente, os escoteiros estavam preocupados com as florestas, áreas verdes e desertos; deixando-os mais uma vez livres do mau uso. Psicologicamente, tínhamos que nos libertar do temor que divide os homens e mulheres. Muitas dessas novas abordagens estavam também sendo levadas a cabo por toda parte na Europa e ecologicamente, em todo o mundo.

No fronte escoteiro, surgiu a necessidade de mudanças drásticas. Desde o tempo de Baden-Powell, mais da metade do conteúdo do programa era de temática militar: serviço no campo, orientação, semáfora, e manobras. Chegou o tempo em que es-

ses exercícios não são os únicos importantes. Não nos envergonhamos de proferir o quinto mandamento "Não matarás".

Finalmente, o mundo espera por fraternidade. Somente isso, essa solidariedade, pode vencer a infecção do nacionalismo fervoroso e da agressão. A velha convocação de Baden-Powell de "buscar amigos" deveria tornar-se uma importante diretiva política em todo o mundo.

E, pelo nosso respeito por vocês, irmãos escoteiros, desejamos passar-lhes esta mensagem; para que vocês não a ouçam de seus professores ou pais. Preferimos que vocês a ouçam de nós, em nossa linguagem escoteira comum. Desejamos transmitir a vocês as noções de "bem" e "mal" e um entendimento da mais destrutiva das atitudes humanas: a indiferença. Se vocês compreenderem agora esses conceitos, teremos sido bem sucedidos e terá sido útil ter lido este livro.

"Orsza" – Stanislaw Broniewski
Varsóvia, maio de 1992



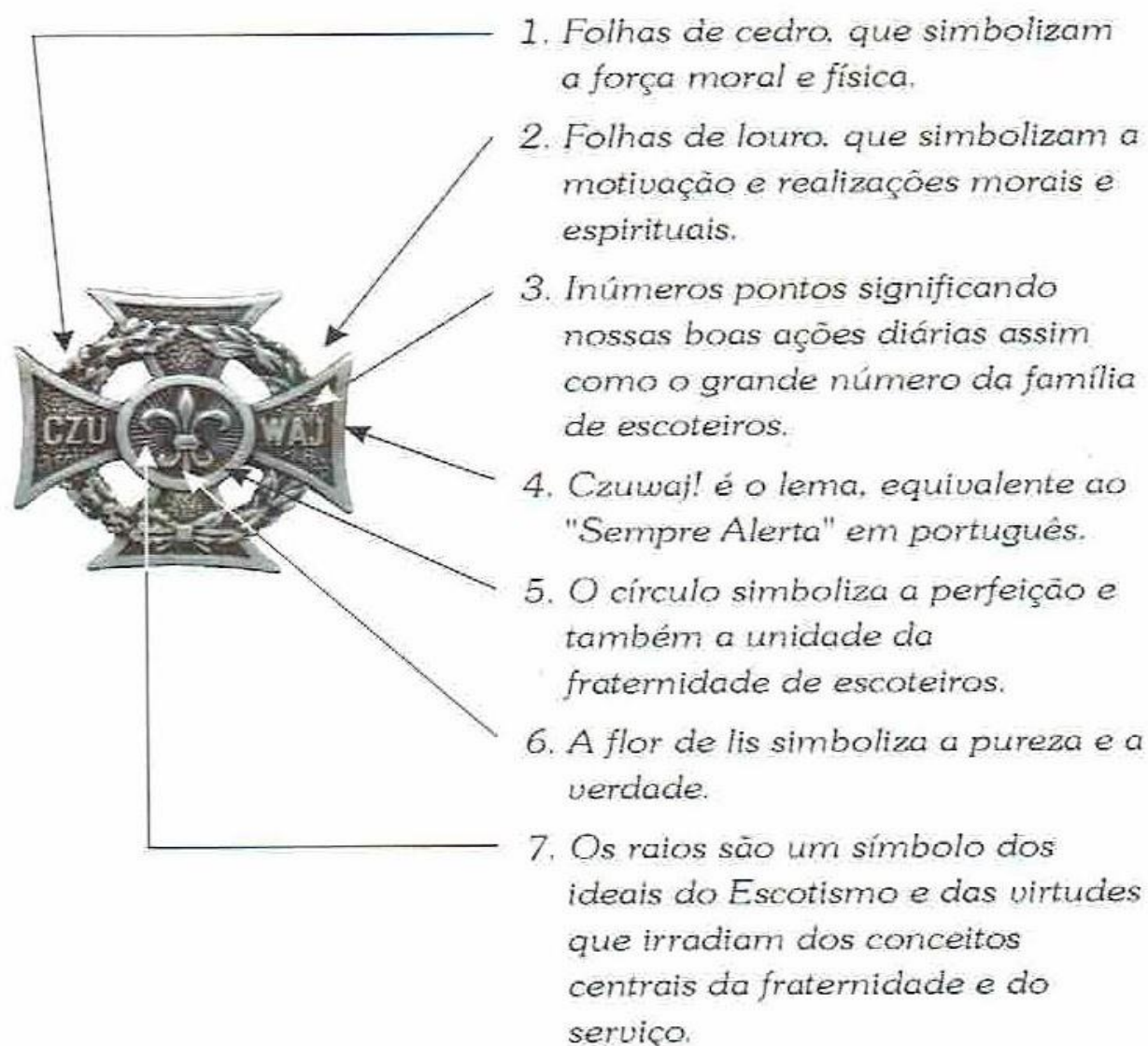
Apêndice

(Apenas na edição em língua portuguesa)



A Cruz Escoteira Polonesa

Esta cruz, recebida na cerimônia de Promessa Escoteira, é sagrada por natureza para aqueles que a usam. Ela tem como modelo a "Virtuti Militari", mais alta condecoração militar polonesa, concedida em tempos de guerra.





Em 12 de fevereiro de 1989, os escoteiros e escoteiras de toda a Polônia decidiram unir as forças de todos os Grupos Escoteiros independentes, fundando uma Organização Escoteira polonesa alternativa (ZHP). A fim de diferenciar-se da associação estatal, formalmente e ideologicamente relacionada ao Partido Comunista que governou a Polônia durante décadas, a nova organização adotou o nome: ZHR – Associação de Escoteiros da República Polonesa.

A Associação de Escoteiros da República Polonesa – ZHR é a sucessora da tradição ideológica do escotismo polonês desde seus primórdios. Ela retém e continua o programa, o método e a estrutura da ZHP (União dos Escoteiros da Polônia), que existiu entre 1918 e 1939. Ela deseja desenvolver com criatividade a produção dos Grupos Escoteiros independentes em ação no pós-guerra na Associação Polonesa de Escotismo (ZHP) e fora dela.

Se o seu país fosse invadido e ocupado por forças opressoras de outra nação; se os valores e tradições nacionais fossem combatidos e desmoralizados pelos invasores; se a liberdade individual e social fosse tolhida; qual seria sua reação?

Veja neste livro como agiram os escoteiros da Polônia, quando seu país foi invadido e ocupado pelas forças nazistas durante a Segunda Guerra Mundial e, em seguida, ocupado pela Rússia.

Este livro nos mostra a atuação de rapazes e jovens adultos, membros do Movimento Escoteiro, nas ações de resistência à usurpação da soberania nacional. É uma leitura cativante e inspiradora.



**Sociedade Paulista
para Desenvolvimento
do Escotismo**